

CRISTIANISMO DE LIBERTAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: A EPÍSTOLA DE SÃO TIAGO APLICADA AOS DIAS ATUAIS

Christianity of liberation and social responsibility: the epistle of sant james applied to the current days

Elizeu de Oliveira¹

Eliosmar Oliveira de Aquino²

Elifânia Pereira Lima de Oliveira³

Resumo: O conceito de Responsabilidade social sempre esteve atrelado à essência do Cristianismo primitivo, o cuidado com os mais pobres e excluídos permeia o texto sagrado cristão. Em um cenário atual de incertezas, nunca foi tão necessário colocar em prática o amor e a misericórdia. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo construir uma breve reflexão histórico-teológica, analisando a atualidade dos ensinamentos contidos na epístola de São Tiago, principalmente no que se refere ao tema fé e obras. Para este fim, o embasamento bibliográfico é apoiado em grandes autores no âmbito da Teologia da Libertação como Jung Mo Sung e Maria Clara Bingemer.

Palavras-chave: Cristianismo de Libertação; Responsabilidade Social; Epístola de São Tiago.

Abstract: The concept of social responsibility has always been connected to the essence of the primitive Christianity, the care for the poorest and for the excluded floods the sacred Christian text. In a current scenario of uncertainty, it has never been more necessary to put love and mercy into practice. Thus, the present article aims to build a brief historical-theological reflection, analyzing the currentness of the teachings contained into the epistle of St. James, especially in what concerns to the theme of faith and deeds. To this end, the bibliographic basis is supported by great authors in the scope of liberation theology such as Jung Mo Sung and Maria Clara Bingemer.

Keywords: Liberation Christianity; Social responsibility; Epistle of St. James.

1 Mestrando em Ciências das Religiões (FUV/ES), <https://orcid.org/0000-0003-1888-9306>, elizeudeoliveira77@gmail.com

2 Mestrando em Ciências das Religiões (FUV/ES), <https://orcid.org/0000-0001-6796-2894>, eliosmaraquino@hotmail.com

3 Bacharel em Direito (UNIR/RO), licenciada em Letras (UNESC/RO), <https://orcid.org/0000-0002-2446-178X>, elifania.oliveira@gmail.com

Introdução

O cenário atual evidencia uma realidade marcada por grandes mudanças no âmbito social, político e econômico. O ser humano afetado por essas transformações, no centro dos conflitos existenciais, muitas vezes, perde a esperança de um mundo melhor e mais justo. O imediatismo e o individualismo predominantes geram uma sociedade distante de valores como o amor ao próximo, a misericórdia e a justiça.

Frente a esse descompasso surge a necessidade do resgate de valores que estimulem o bem comum, o respeito mútuo, a confiança no desenvolvimento social, a melhoria do mundo em que vivemos e a fé em Deus para a compreensão integral da humanidade.

Em meio aos embates, o Cristianismo apresenta em seu bojo ensinamentos que vão ao encontro dos anseios universais. Não é sem fundamentação que William Wilberforce (1759), líder do Movimento abolicionista do tráfico negreiro o concebia como “uma religião de motivações”. Para ele “Somente a prática Cristã pode brotar do princípio Cristão” (WILBERFORCE, 2006, p. 102).

É certo que os princípios cristocêntricos transformados em ações constituem instrumentos que amenizam o sofrimento e a desilusão, entretanto não se pode ignorar que muitas vezes o discurso religioso é dissociado da mensagem que prega o exercício das boas obras como fator preponderante e entrelaçado à fé. Na esfera religiosa, a realidade entre teoria e prática é um dos pontos discutíveis.

Assim, objetivando uma reflexão teológica sobre o assunto, este trabalho propõe inicialmente a investigação dos registros bíblicos ligados à responsabilidade social, em seguida faz uma busca dessa temática na história do cristianismo, inclui uma sucinta definição da Teologia da libertação, apresenta o contexto histórico-social da epístola de São Tiago, e finaliza com a apreciação da prática cristã e a atualidade da obra.

1 Cristianismo e Responsabilidade Social: Visão panorâmica nos registros bíblicos

O cristianismo surgiu no século I, proveniente do judaísmo na região do Oriente Médio: é uma religião monoteísta que tem em Jesus sua figura central, seus seguidores acreditam que ele é o Filho de Deus, a encarnação humana da própria Divindade. “Entre as grandes religiões, o cristianismo é a mais difundida e a que conta com maior número de seguidores” (SMITH, 2006, p. 65). É considerada uma das mais influentes no mundo ocidental.

Os seus discípulos foram chamados de cristãos pela primeira vez em Antioquia da Síria, local onde se abrigaram das fortes perseguições que sofriam devido à sua fé em Cristo (At 11.26)⁴. A crença professada por esses adeptos é baseada nos ensinamentos registrados na Bíblia Sagrada, livro composto de Antigo e Novo Testamento e escrito ao longo de dezesseis séculos. Joseph Ratzinger, dissertando sobre a forma fundamental da Fé Cristológica, enfatiza que “a pessoa de Jesus é sua doutrina e sua doutrina é Jesus mesmo. [...] Tal não é a aceitação de um sistema, mas a aceitação de uma pessoa, que é a sua palavra; da palavra como pessoa e da pessoa como palavra.” (RATZINGER, 1970, p.162).

Quanto à sua doutrina, podemos dizer que em sua essência o Cristianismo propaga o amor para com Deus e para com o próximo (Mt 22. 36-40)⁵. Os valores cristãos estão ligados à responsabilidade social, e esta por sua vez é definida por Patrícia Almeida Ashley “como toda e qualquer ação que possa contribuir para melhoria da qualidade de vida da sociedade” (ASHLEY, 2003, p. 7). Corroborando com esta definição, Cristo, em seus mandamentos, ensina a socorrer os menos favorecidos e os rejeitados (pobres, viúvas, órfãos, doentes, mulheres, estrangeiros), tratar com carinho e respeito ao outro e perdoar ao próximo. No Antigo Testamento, de igual modo, não são poucas as passagens bíblicas

4 Em todas as referências utilizadas neste artigo será utilizada a versão da Bíblia de Jerusalém (2002).

5 Na passagem descrita no Evangelho escrito por Mateus 22. 36-40, Jesus é interrogado sobre o maior mandamento da lei, ele responde “**Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento**” e revela que este é o primeiro grande mandamento, e o “segundo semelhante a este, é: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo**” (grifo nosso).

que exortavam os hebreus a cuidar dos mais vulneráveis⁶.

No primeiro século da era do Cristianismo, os registros bíblicos e históricos também revelam a preocupação dos discípulos de Jesus com os mais necessitados. Inseridos num contexto de dominação romana, que dentre outros prejuízos, impunha uma pesada carga de impostos, os palestinos tinham que suportar a desapropriação de suas terras, uma vez que não tinham como saldar suas dívidas, ou mesmo a imposição da escravidão diante do não pagamento dos tributos atrasados⁷. Essas condições acarretavam pobreza e a apreensão quanto ao mínimo para sobreviver e o levantamento de ofertas para ajuda aos carentes era frequente.

Na passagem dos Atos 2.42-47, os cristãos são apresentados como uma comunidade unida e que partilhava de uma comunhão tão plena que “punham tudo em comum” (v. 44). Eles vendiam suas propriedades e bens e repartiam com todos, segundo a necessidade de cada um. Estas atitudes faziam com que passassem a ser verdadeiramente reconhecidos pelos não cristãos “e gozavam da simpatia de todo o povo” (v. 47).

As cartas dos apóstolos revelam o comprometimento que os fiéis tinham em prover aos mais carentes. Nessa época “as igrejas compunham uma rede de pobres com alguns ricos que deviam viver apenas como simples irmãos e participar da prática do auxílio mútuo” (PIXLEY, 2011, p. 49). O apóstolo São Paulo é um dos que se dedica a coleta

⁶ Algumas leis específicas foram dadas ao povo de Israel para que atendessem aos estrangeiros, pobres e necessitados, dentre elas Êxodo 22.20-22: **“Não afligirás o estrangeiro nem o oprimido, [...] (20). Não afligireis a nenhuma viúva ou órfãos, (21). Se os afligirdes e ele clamar a mim escutarei o seu clamor (22)”**. Com relação às injustiças cometidas contra o pobre a lei mosaica era enfática: **“Não desviarás o direito do teu pobre em seus processos”** (Êxodo 23.6); **“Não cometereis injustiça num julgamento. Não farás acepção de pessoas com relação ao pobre, nem te deixarás levar pela preferência ao grande: segundo a justiça julgarás o teu compatriota”** (Levítico 19.15). No cuidado com a alimentação do pobre, conforme a lei da colheita era determinado que se deixasse de apanhar nos cantos da plantação para que o pobres pudessem recolher o que havia caído: **“Quando segardes a messe da vossa terra, não segareis até o limite extremo do campo. Não respigarás a tua messe, 10. não rebuscarás a tua vinha nem recolherás os frutos caídos no teu pomar. Tu os deixarás para o pobre e para o estrangeiro. Eu sou lahweh vosso Deus.”** (Levítico 19.9-10, grifo nosso).

⁷ A obra “História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo” (2004), do escritor Stegemann, E. W. e Stegemann, W. retrata o cenário econômico e social do mundo mediterrâneo do século I, e do judaísmo na terra de Israel no período helenístico-romano.

para os pobres em Jerusalém, conforme escreve aos coríntios: “Com efeito, conheceis **a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com sua pobreza**” (2Cor 8.9, grifo nosso). Assim, o teólogo conclui que “ao longo da Bíblia Cristã — Antigo e Novo Testamento —, se reconhece que, num mundo dividido entre ricos e pobres, o privilégio tem de ser dos pobres” (PIXLEY, 2011, p.50).

2 Breve resumo da Responsabilidade Social no Cristianismo: do Século II à Teologia da Libertação

Os pais da Igreja desde cedo tomaram para si o compromisso de cuidar das pessoas em suas necessidades espirituais e materiais. Clemente de Alexandria (150-215) declara que os bens terrenos não são nem bons e nem maus, mas doações divinas e cabe ao homem administrá-las; Basílio (330-379) propagava a integridade e a benignidade de caráter, e combatia a ambição; Gregório Nazianzeno (329-390), destacado como um dos mais ilustres pregadores, primava pelos necessitados; seus sermões discorriam agudamente sobre essa temática; Ambrósio (339-397) reforçava em suas falas que o homem nasce sem nada e que os bens da natureza devem ser compartilhados por todos; João Crisóstomo (348-407), orador eloquente, confrontava as autoridades corruptas, lembrando-as de que tudo que existe e que Deus deixou para desfrutar, são benefícios comuns a serem compartilhados⁸. Santo Agostinho (383-430), um dos mais reconhecidos representantes do cristianismo, aconselha aos ricos que ao invés de enterrarem o dinheiro no solo, depositem no céu, “Deus põe à sua disposição, nos pobres, depositário seguros” (CANTALAMESSA, 2003, p. 66).

Na Idade Medieval, pessoas como João Damasceno (675-749) buscaram responder com benignidade e responsabilidade às necessidades dos pobres. Ainda adolescente, esse patriarca desfrutava de benefícios monetários, mas ao crescer na caridade de Cristo, entendeu que a riqueza dificulta a entrada no reino de Deus. Dessa forma, sentiu-

⁸ Latim e Direito constitucional. <https://www.latimdireito.adv.br/artigos/250-os-direitos-sociais-na-patristica>. Acesso em setembro de 2020.

se dependente de uma aproximação maior com o divino e doou todos os seus bens aos necessitados (LIBERA, 2004, p.75).

Pedro Valdo (1140-1217), outro personagem conhecido, foi rico comerciante francês que após presenciar a morte de um dos seus convidados em meio a uma festa, decidiu mudar de postura, vendeu a maioria de seus bens, deixou um pouco com a esposa e saiu em benefício do próximo, praticando voto de pobreza (FERREIRA, 2009, p. 22-23).

Ainda na Idade Média surgiram as grandes ordens mendicantes: dos dominicanos (1216), dos franciscanos (1209), dos Carmelitas (entre 1206-1214) e dos Eremitas agostinianos (1244). Essas organizações eram inspiradas em movimentos a favor da pobreza, tendência que recebeu aprovação dos clérigos e que teve seu auge no século XIII. No século XV, fim da Idade Média, muitos cômegos e monges expressavam intenso desejo de se ligarem aos conventos para seguirem uma vida monástica. (LENZENWEGER, 2006, p.170 – 173).

A partir dos anos 1500, um dos nomes que a história registra como destaque na assistência social religiosa é o do conhecido Padre Anchieta. Em missiva enviada a Inácio de Loyola em 1554, o catequizador menciona os orfanatos sustentados pela Companhia de Jesus para assegurar aos órfãos uma vida melhor. O livro “Brasil 500 anos”, registra:

Durante todo o período colonial predominou a assistência social à infância de natureza filantrópica, religiosa, médica e higiênica na forma de múltiplos asilos infantis (órfãos, abandonados, doentes, pobres entre outros) e, no final do século XIX surgem creches, casas de infância, escolas maternais, e jardins de infância que pela diversidade de suas concepções, fragmentaram a educação e o cuidado em instituições com múltiplas funções (KISHIMOTO, 2001, p. 225).

Analisando o papel dos seguidores do Cristianismo, observa-se que o cuidado com os menos favorecidos sempre foi um dos pontos importantes na construção de seus discursos, evidência confirmada por meio da ação prática de boa parte dos cristãos no decorrer da história. Perpassando por grandes nomes conhecidos e até mesmo desconhecidos que fizeram diferença em suas épocas, muito ainda poderia se falar sobre Francisco de Assis,

Martin Luther King, Tereza de Calcutá, Helder Câmara e tantos outros.

Não se deve esquecer, todavia, que muitas omissões na prática do verdadeiro evangelho de Cristo ocorreram e ocorrem no seio das comunidades, fator que abre brecha para críticas de opositores e intelectuais como Marx, que afirma no livro “A ideologia Alemã”: “Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que conduzem a teoria ao misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática” (MARX; ENGELS, 2007, p. 534). Também reverbera Humbert Lepargner: “Se a prática se tivesse identificado à teoria e participado de sua perfeição, presumimos que o cristianismo já teria conquistado o mundo pela excelência de sua caridade divina. A prática revela que isto ainda não ocorreu” (LEPARGNER, 1979, p. 52).

Para Maria Clara Bingemer a perspectiva social do Cristianismo sempre existiu, mas começou a ser organizada no século XIX, com a encíclica do Papa Leão XIII, *Rerum Novarum*, em meio a um mundo secularizado e industrializado. O Papa João XXIII, no Concílio Vaticano II, ao tratar do compromisso que a Igreja tem com a fé plena, a justiça e a caridade, reforçou que um dos objetivos desta importante instituição é resgatar sua identidade como “Igreja dos pobres”⁹:

A centralidade dos pobres é tão própria ao Evangelho e à tradição da Igreja cristã que até mesmo está presente no Direito Canônico da Igreja, que afirma: “Os fiéis cristãos são obrigados a promover justiça social e, conscientes do preceito do Senhor, a ajudar os pobres a partir de seus próprios recursos” (cânon 222, § 2) (BINGEMER, 2017, p. 63).

Após o Concílio Vaticano II, houve uma maior abertura para a liberdade e a capacidade criativa no campo teológico. Teólogos católicos e protestantes passaram a pensar, a criticar e a escrever sobre os problemas pastorais que afetavam suas realidades, como ocorreu com o grupo Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL) de teólogos latino-americanos:

9 A frase “Igreja dos pobres” foi usada pela primeira vez pelo Papa João XXIII em seu discurso inaugural aos padres do Concílio Vaticano II, em 1962 (BINGEMER, 2017, p. 87).

Houve encontros frequentes entre teólogos católicos (Gustavo Gutiérrez, Segundo Gallea, Juan Luis Segundo, Lucio Gera e outros) e teólogos protestantes (incluindo Emilio Castro, Julio de Santa Ana, Rubem Alves e José Míguez Bonino), levando a uma reflexão intensificada sobre a relação entre fé e pobreza, Evangelho e justiça social, e temas similares (BINGEMER, 2017, p. 16).

No Brasil, entre os anos de 1959 e 1964, foram produzidas obras que instigavam um engajamento pessoal no mundo, baseados em princípios universais do Cristianismo. Os encontros na cidade de Havana, Bogotá e Cuernavaca (1965), e a Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam) em Medellín, Colômbia (1968), sinalizavam o prenúncio da teologia da libertação, que tem seu marco inicial em 1971 com a publicação da obra “Teología de la liberación”, do padre peruano Gustavo Gutiérrez. Para Leonardo Boff, “A teologia da libertação viu na Igreja dos pobres a fidelidade mais singular à pessoa de Jesus Cristo. Nela, se encontra um Deus que ouve o clamor do povo (Ex 3,7b), essa experiência eclesial se tornou a base prática para sua sustentação teológica”. (SANTOS, 2017, p. 187).

Embora os princípios iniciais do Cristianismo primitivo sejam claros e objetivos quanto à compreensão de que os excluídos – sejam pobres, ou outra forma de exclusão – precisam ser alcançados pela igreja, a teologia da libertação questiona e “lida com questões de periferia, questões estas que ainda apresentam um desafio imenso para a missão evangelizadora da Igreja” (BINGEMER, 2017, p. 17).

Partindo deste pensamento, a obra “Cristianismo de Libertação: espiritualidade e luta social” do teólogo católico Jung Mo Sung retrata com fidelidade a realidade das igrejas Cristãs atuais, sejam elas “católicas ou protestantes”. Primeiramente o autor concorda com a definição de Michael Löwy quanto ao que seria o termo “Cristianismo de Libertação”¹⁰, este ainda considera o Cristianismo primitivo como a “religião dos pobres, dos exilados, dos amaldiçoados, dos perseguidos e oprimidos” (LÖWY, 2000, p. 18). Posteriormente, Sung reconhece que apenas uma minoria das instituições cristãs persevera na luta contra

¹⁰ Tanto para Löwy quanto para Sung: “o cristianismo de libertação latino-americano é um movimento social-religioso de luta pela libertação dos pobres” (SUNG, 2008, p. 13). É formado por “pessoas e grupos que, de modo explícito ou de uma forma meio difusa, ainda se guiam pelos valores do evangelho interpretados pelo cristianismo de libertação, nas suas posições e ações, perante os desafios do mundo contemporâneo” (SUNG, 2008, p. 14).

as injustiças e desumanidades do mundo globalizado, e que o principal desafio não é aumentar o número de fiéis, mas fortalecer a visão de que os cristãos precisam engajar-se na luta contra a exclusão dos mais necessitados e da injustiça social:

O posicionamento público da hierarquia da Igreja Católica em documentos como o da V Conferência do CELAM, assim como o das lideranças de igrejas protestantes históricas e das evangélicas pentecostais que publicamente defendem, criticam ou se omitem diante de valores consumistas e da exclusão social, faz diferença nos rumos da sociedade. Esses posicionamentos ou omissões podem fortalecer o caminho para mais sensibilidade solidária e justiça social, ou para mais indiferença social. Por isso, a importância da nossa atuação no interior das igrejas e do campo religioso (SUNG, 2008, p. 25).

Essa corrente de pensamento com foco na pobreza socioeconômica e política não foi vista com bons olhos por alguns setores da Igreja. Bingemer afirma que “a Teologia da Libertação foi acusada de marxismo e se deparou com uma forte oposição de níveis mais altos da hierarquia assim como da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé do Vaticano”. Apesar das repercussões negativas, a autora conclui que mesmo diante das divergências, houve benefícios: “O principal foi que ajudou a ampliar o horizonte da Teologia da Libertação. Uma apreciação por outras dimensões da pobreza – as chamadas pobreza antropológicas – começou a atrair a atenção dos teólogos latino-americanos” (BINGEMER, 2017, p. 19). Assim, essa vertente da Teologia tem se expandido e além do cuidado com os menos favorecidos, volta-se para questões de gênero, raça, etnia, preocupações ecológicas e luta pelo bem da terra.

Diante de um cenário mundial incerto, agravado por conflitos, doenças e epidemias nunca vistas, guerra, pobreza e miséria, todos sofrem, crianças, mulheres e homens. O desafio para a teologia e a ética cristã é grande, mas se pautados no ensino dos evangelhos aplicados a essas novas realidades, ao resgate da essência do Cristianismo, o restante da história poderá ser escrito sob o ângulo da justiça, do amor e da paz.

3 Epístola de São Tiago – Contexto

A experiência com o sagrado é um fenômeno presenciado na atualidade e que não pode ser negado, já foi questionado pelos pensadores há mais de dois séculos a ponto de preverem seu desaparecimento. Todavia, na medida em que o século XX desenvolveu-se, com a expansão da vivência religiosa, o sagrado recebeu novas conotações e hoje é visto como indissociável do universo social¹¹. A importância da experiência religiosa para os indivíduos é significativa, pois tanto podem ser estimulados a desenvolverem atitudes positivas e benéficas, quanto negativas e destruidoras no meio em que estão inseridos. Dentre os elementos expressivos do âmbito religioso destaca-se o texto sagrado que corrobora com o propósito de conscientizar o indivíduo a respeito das mudanças individuais e sociais:

“Sacralização da letra da escritura como testemunha fiel da palavra de Deus” possibilita fomentar a percepção de realidade, inspirar a construção de mundo, subjugar etnias e legitimar as relações de poder (GEFFRÉ, 2004, p. 88). A experiência do sagrado no ambiente sociocultural, através da escritura sagrada, possui substancial importância na compreensão do papel assumido pelo indivíduo na sociedade (LIMA, 2017, p. 14).

Dessa forma, a epístola de São Tiago, inserida no Novo Testamento da Bíblia Sagrada, objeto de estudo deste trabalho, apresenta conselhos e princípios sobre o cuidado para com os necessitados, que merecem ser pontuados. A data de origem dessa carta é incerta, sendo adotada por grande maioria dos teólogos os anos 48 ou 49 d.C. (BÍBLIA, 1985, p. 1318). É reconhecida como um livro prático e atual e expõe os grandes temas da

¹¹ O autor Peter Berger, na obra *“Os múltiplos altares da Modernidade: Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista”* (2007) define secularização, pensamento que defende a princípio. Posteriormente demonstra que essa teoria de que a modernidade suscitaria declínio na religião, não demonstrara comprovação e que ao invés de desaparecer, o sentimento pelo sagrado está em expansão. Tal ruptura direcionou-o a defender a concepção do pluralismo, ideologia que afirma ser a realidade hodierna configurada pela coexistência entre as várias manifestações de crença e o cenário secular. Destarte, sagrado e profano se misturarem a diacronia da religião tornará cada vez mais aflorado o campo religioso, afirma.

vida Cristã de forma direta e clara com recomendações que respondem positivamente aos problemas humanos e sociais, “Tiago está preocupado com a prática do Cristianismo. Para ele não basta ter um credo, fazer uma profissão de fé ortodoxa, é preciso viver de forma digna de Deus” (LOPES, 2006, p. 9).

O escritor da Carta inicialmente a si mesmo se denomina “Tiago, servo de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo” (Tg 1.1), evidentemente gozava de autoridade entre a comunidade israelita. Em relação à autoria do livro, o Novo Testamento apresenta pelo menos três homônimos: Tiago, apóstolo, filho de Zebedeu (Mc 5.37; 9.2), irmão de João; Tiago, também apóstolo, filho de Alfeu, (Mc 3.18); e Tiago o “irmão do Senhor” (Gl 1.19) (LOPES, 2006, p. 12).

Os biblistas concordam entre si que o autor da epístola é o “irmão do Senhor Jesus”¹²e pela história eclesiástica entende-se que foi bispo de Jerusalém. “Por seu elevado nível de virtude era chamado Justo e Oblias (ou Zadique e Osleã) que significa justiça e proteção ao povo, conforme os profetas declaram a seu respeito” (CESARÉIA, 2010, p. 72), foi morto empurrado da ala do templo e depois apedrejado pelos judeus, no ano 62 d. C., por defender a fé em Jesus e criticar os opressores: “E assim o apedrejavam quando um dos sacerdotes dos filhos de Recabe, filho de Recabim, de quem testemunhou o profeta Jeremias, clamou: Parai! Que estais fazendo? O Justo está orando por vós” (CESARÉIA, 2010, p. 74).

A partir de uma linguagem eloquente, Tiago direciona a epístola “às doze tribos da Dispersão”, referindo-se aqui aos judeu-cristãos disseminados entre as populações de língua grega. Considerado como pertencente à categoria de livros sapienciais, a obra difere das outras epístolas apostólicas por três razões:

1º Sendo essencialmente moral, tem pouco de especificamente Cristão e, pelo conteúdo e pela forma, marca como que a passagem do Antigo para o Novo

12Para a interpretação católica a expressão “irmão de Jesus” é compreendida como primo de Jesus, conforme Mt 12. 46-49 nota, “segundo o costume oriental, chama-se irmãos também os primos e os parentes em geral” (BÍBLIA, 1985, p. 1075). A maior parte dos exegetas católicos acredita que o autor também pode ser identificado com aquele Tiago “filho de Alfeu”, que em todas as listas dos doze apóstolos do Senhor (Mt 10.3 e paralelos; At 1.13) é colocado em nono lugar.

Testamento. 2º Manuseia, porém, a língua grega com raro bom gosto e maestria. 3º De estilo epistolar, tem quase somente a saudação inicial; falta-lhe a conclusão e na maior parte usa de um tom exortativo semelhante ao dos livros sapienciais, especialmente os Provérbios e Eclesiástico (BÍBLIA, 1985, p. 1318).

Os conflitos existenciais que os novos cristãos enfrentavam giravam em torno dos sofrimentos com a perseguição, da humilhação e da espoliação pelos ricos. A prática da vida cristã estava sendo relegada ao descaso, em contrapartida, questões como o orgulho, falta de fé, de sabedoria e de compaixão pelos necessitados, acepção de pessoas, o mau uso da língua, as riquezas injustas, soberba, opressão dos ricos, queixas, e apostasia tomavam lugar de destaque.

Por essas questões éticas tratadas na epístola, muitos comentaristas veem uma ligação bem próxima com o sermão do monte pregado por Jesus (Mt 5-7). Tiago escreve sua carta direcionada à Igreja do século I, entretanto verifica-se a atualidade dos temas abordados, também para os cristãos atuais.

4 Fé e Obras: A Epístola de São Tiago aplicada aos dias atuais

A epístola de Tiago, embora uma das menores se comparada aos demais livros do compêndio bíblico, composta de apenas cinco capítulos, aborda uma variedade de assuntos de grande relevância para os cristãos. Dentre eles verifica-se a preponderância de um que desde os primórdios provocou e ainda provoca acaloradas discussões, a relação entre a fé e as obras.

O erudito Simon Kistemaker, tratando da canonização da epístola, descreve o receio que inicialmente alguns pais da Igreja tiveram para reconhecer sua inspiração e afirma que o historiador Eusébio a coloca na lista dos documentos espúrios. Todavia, tanto Clemente de Alexandria como Orígenes a citam como obra de valor. Essa carta recebeu sua aprovação oficial como canônica em 397 d. C., no Concílio de Cartago. Posteriormente, o reformador Martinho Lutero, embora expressasse suas reservas em relação a esse escrito,

em suas obras citou-o com frequência sem qualquer comentário crítico¹³.

Para alguns estudiosos das escrituras sagradas, o tema central da epístola seria “A fé sem obras é morta”. Tiago discursa sobre esse assunto mais especificamente no capítulo 2:

14. Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo? 15. Se um irmão ou a uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência de cada dia, 16. e alguém dentre vós lhes disser: “Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos”, mas não lhes der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso? 17. Assim também a fé, se não tiver obras, esta morta em seu isolamento. 18. De fato alguém poderá objetar-lhe: “Tu tens fé, e eu tenho obras”. Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. [...] 26. Com efeito, como o corpo sem o sopro da vida é morto, assim também é morta **a fé sem obras**” (Tiago 2 14-17;26, grifo nosso).

Na análise do texto citado acima (v. 14), o pregador inicia de forma aparentemente eloquente, indagando aos irmãos a respeito da interdependência entre fé e obras, chama-os para a reflexão. Nesse ínterim, sem adentrar em uma discussão mais profunda sobre a tríade obras/fé/salvação, vale ressaltar que a aparente contradição entre os apóstolos Paulo e Tiago sobre este tema é equivocada. Através do estudo do contexto de cada escritor verifica-se que ambos desenvolvem o assunto sob perspectiva própria, cada um com seu propósito, tratam do tema para públicos e situações diferenciados, conforme o teólogo Ivo Storniolo explica:

[...] Ao falar da prática da Lei, Paulo afirma que nenhuma observância de regras pode levar a salvação, e que a fé é o princípio de toda a vida cristã. Tiago, por sua vez, salienta que a fé se traduz no amor, e este realiza atos concretos. Paulo diz a mesma coisa: “a fé age por meio do amor” (Gálatas 5.6). Tanto Paulo quanto Tiago afirmam, portanto, o mesmo (STORNIOLO, 1996 p. 37).

13 O autor faz um esboço da história da epístola de Tiago na obra Comentário do Novo Testamento – Tiago e epístolas de João (KISTEMAKER, 2006, p. 32-34).

Esse pensamento também é reforçado por Kistemaker:

Paulo está dizendo uma coisa e Tiago outra? De forma alguma. Na verdade, Tiago observa um lado da moeda chamada fé, e Paulo, o outro. Em outras palavras, Tiago explica o lado ativo da fé, e Paulo, o lado passivo. De certo modo, os escritores dizem a mesma coisa, mesmo encarando a fé por perspectivas diferentes. Paulo se dirige ao judeu que procura obter a salvação obedecendo à Lei de Deus. Para ele, Paulo diz: “Não são as obras da lei, mas a fé em Cristo que produz a salvação”. Tiago, pelo contrário, dirige seus comentários à pessoa que diz ter fé, mas não a coloca em prática (KISTEMAKER, 2006, p. 121).

Como já abordado anteriormente, o contexto em que viviam os cristãos destinatários da carta de Tiago era de grande miséria e sofrimento, não havia perspectiva de melhora e a quantidade de necessitados era desproporcional ao número de caridosos. A ausência dos bens básicos, como vestimentas, alimentos e moradia era habitual (v. 15). Fazia-se necessária a prática do amor tão pregada pelo mestre. Tiago alertava que, aquele que sabia que seu irmão estava desprovido e o despedia sem ajuda (v. 15,16), demonstrava com isso uma fé morta (v.17). A igreja precisava ir além do discurso e partir para a prática.

Com um olhar mais crítico, há que se observar que a atualidade da Carta de Tiago é perceptível. Em nossa contemporaneidade, não são poucos os marginalizados, vítimas de diferentes conflitos, que estendem uma mão silenciosa, sem expectativa. A fé cristã precisa andar paralela à esperança e principalmente ao amor, uma das às colunas do Cristianismo: “Portanto, nossa análise conduz-nos de per si às palavras com que S. Paulo indica as colunas mestras do Cristianismo: Agora estas três coisas são constantes: a fé, a esperança, a caridade; mas a maior delas é a caridade (1Cor 13.13)” (RATZINGER, 1970, p. 223).

O discurso religioso só terá validade se trazer melhorias, mudanças reais para a sociedade. Ao investigar a missão dos cristãos no texto bíblico, percebe-se que a exposição dos ensinamentos de Cristo propunha felicidade aos que observam os preceitos espirituais sem suprimir os materiais, ou seja, atividade social é tão importante quanto à propagação do evangelho:

A missão da igreja deve conter tanto a proclamação da palavra de Deus quanto à ação social. Só quando a igreja reconhece sua ação transformadora na sociedade, sua ação missionária será corretamente desempenhada. Em sua essência ela é heterogênea, pois não faz diferença entre os representantes das diferentes etnias e grupos sociais (REIMER, 2017 p. 145).

O apóstolo Tiago, ao chamar a atenção para a responsabilidade no exercício do amor cristão, também está denunciando as condutas de uma devoção infrutífera. Fala do perigo de se viver uma religiosidade vazia, desprovida de significado utilitário, destruidora da verdadeira espiritualidade, e de anular a coerência entre teoria e prática fazendo com que o fiel apenas carregue o nome de cristão, mas não a similaridade da identidade de Cristo. Nesse sentido:

É mais fácil viver uma religião desligada do testemunho do que dar um testemunho que leve a marginalização. O resultado é que facilmente o Cristianismo se torna uma ortodoxia sem prática, com a conseqüente esquizofrenia entre a fé que se professa e a vida que se vive fora dos templos. Fica em aberto a advertência do autor: a fé sem ação está morta (STORNILO, 1996 p. 38).

Outra passagem do livro de Tiago que apresenta cenas da atualidade está no capítulo 5, onde o apóstolo denuncia a diferença gritante entre ricos e pobres e enfatiza como agravante, a exploração econômica dos menos favorecidos: o “jornal” (salário) do trabalhador é diminuído injustamente (v.4), os ricos vivem “deliciosamente” (v.5), enquanto o justo é assassinado. Sensível a essas injustiças, adverte:

1. Eia, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias, que sobre vós não de vir. [...]4. Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e que por vós foi diminuído, clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos. 5. Deliciosamente vivestes sobre a terra, e vos deleitastes; cevastes os vossos corações, como num dia de matança. 6. Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu. (Tiago 5 1-6).

Oportuno observar que mesmo no mundo cristão sempre houve a exploração dos mais vulneráveis, embora o livro sagrado condene essa prática desde o antigo testamento (Is 3.14-15; Jr 5.26-27).

Na conjuntura atual, as notícias dão conta do crescente número de pessoas marginalizadas que precisam de alguma assistência. A desigualdade social é um problema presente em todos os países, agravada principalmente pela má distribuição de renda e a falta de investimento na área social, como educação e saúde. Segundo a professora e mestra em História Juliana Bezerra, essa diferença econômica existente entre determinados grupos de pessoas de uma sociedade gera graves consequências, entre elas a pobreza, a miséria, fome, desnutrição e mortalidade infantil, aumento das taxas de desemprego, marginalização de parte da sociedade, atraso no progresso da economia do país, aumento dos índices de violência e criminalidade¹⁴. A igreja contemporânea inserida nesse universo social pode contribuir para manter o equilíbrio, abordando seriamente a questão social:

Tratar do tema da responsabilidade social é como tocar em uma ferida de nosso mundo. Às vezes até a própria igreja tem dificuldade em tratar deste assunto, sob o pretexto de que devemos somente evangelizar. Não nos esqueçamos, no entanto, que a evangelização foi acompanhada, no início da igreja, por um dedicado trabalho social a fim de minimizar a necessidade de alguns (At 2.42-47; 6.1-3; 2Co 9.1-14) (ARAÚJO, 2009, p.153-154).

A assistência aos menos favorecidos, como já afirmado, é de vital importância, entretanto, não pode ser confundida com o mero suprimento de uma necessidade imediata: doação de roupas, alimentos, remédios, moradia, atendimento médico etc. A atuação das igrejas precisa ser mais intensa, é necessário batalhar por melhorias na sociedade, considerando os pobres como autores e não meros personagens passivos.

O modelo de “promoção” econômica e social tem o seu valor, mas não é o suficiente, “é preciso também lutar por reformas e transformações estruturais no atual

14 BEZERRA, Juliana. Desigualdade Social, 2020. In: <https://www.todamateria.com.br/desigualdade-social/>. Acesso em outubro de 2020.

modelo econômico-político. E nessa luta, os pobres não podem ser tratados como meros objetos, pois eles podem e devem participar também como agentes”. (SUNG, 2008 p.18). Para o autor, a evangelização só acontecerá quando a igreja ou mesmo grupos de evangelizadores conseguirem distinguir que os pobres ou vítimas de opressão são partes ativas neste processo e que primeiro precisam compreender a boa nova, assim “só em uma relação de amor-solidariedade em que as duas partes se reconhecem mutuamente como sujeitos na relação e buscam a libertação da situação que nega a humanidade das pessoas é que a boa-nova é realmente anunciada” (SUNG, 2008, p.18).

Um último assunto a ser abordado neste artigo trata-se da “verdadeira religião”, definida por São Tiago quando expõe: “Com efeito, a religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se livre da corrupção do mundo” (Tiago 1. 27).

O debate realizado em torno da verdadeira religião, segundo São Tiago não está relacionado à dicotomia religião verdadeira/falsa, como sinônimo de seguimentos organizacionais certos ou errados, mas como expressão prática e consciente de amor ao próximo. Muitas políticas religiosas têm se perdido ao errar as finalidades, defendendo crenças ideológicas ao invés de uma ação responsável em prol da coletividade, principalmente ligada aos mais pobres. Reimer, em seu discurso sobre a implantação de igrejas relevantes, compreende que a instituição verdadeira precisa ser pensada e implantada na prática de “forma cultural e socialmente relevante”, ele concorda com a expressão “igreja para os outros” e conclui com o pensamento que “Especialmente no contexto da ‘multiculturalidade da sociedade ocidental’. Parece-me que só assim uma igreja consegue superar o cativo da sua própria autocentralidade” (REIMER, 2017, p.14-15).

A sociedade capitalista tem a tendência de relegar ao esquecimento aqueles que não podem lhe oferecer força de trabalho, recursos ou mesmo posição social. Isto se mostra desumano e contrário aos princípios primordiais do Cristianismo. Tiago, ao escrever para os “judeus dispersos”, está transmitindo tão somente os ensinamentos de seu mestre. Jesus

Cristo no evangelho de São Mateus¹⁵ discursa sobre aqueles que serão recebidos em seu reino, e os apresenta como os que dispõem de amor e misericórdia para com os excluídos.

Utilizando um discurso pedagógico, primeiramente o mestre apresenta como suas as necessidades básicas dos menos favorecidos (comida, bebida, abrigo, vestimenta, saúde, solidão dos encarcerados), sendo satisfeitas pelos justos, e ao ser interrogado a respeito de quando viram Cristo naquelas condições, “o Rei lhes dirá: em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”. Corroborando este pensamento cristão, Alexandre Coelho compreende que a verdadeira religião está envolvida diretamente com a prática no atendimento aos necessitados:

Mais que um conjunto resumido de práticas e dogmas, a verdadeira fé é voltada para a prática. Pensemos, por exemplo, no fato que Tiago aborda o cuidado com os pobres e viúvas. Nossa sociedade, por mais próspera que seja, tende a se esquecer daqueles que não tem uma vida produtiva, que não estão inseridos no mercado de trabalho ou que não podem contribuir com seus recursos para as instituições. Mas para Tiago, são justamente essas pessoas que mais precisam da ajuda do povo de Deus (COELHO; DANIEL, 2014, p. 26-27).

O momento atual, mergulhado em conflitos, contradições ideológicas e religiosas, anseia por respostas que o cristianismo com seus princípios e ideais vão ao encontro. A carta de São Tiago desde o seu primeiro capítulo trabalha para promover equilíbrio e garantia de uma vida digna às pessoas. Na breve análise dessa importante epístola, fica manifesto que as Instituições Cristãs têm um grande desafio a sua frente e os cristãos individualmente estão incluídos nesta responsabilidade. O amor como mandamento máximo e universal que pode mudar uma sociedade, deixará de ser um discurso ilusório, quando de fato a

15 Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estives nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me’. Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te damos de beber? Quando foi que te vimos forasteiros e te recolhemos ou nu te vestimos? Quando te vimos doente ou preso e fomos te ver? Ao que lhes responderá o rei: ‘Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes’ (São Mateus 25:34-40).

Igreja Cristã ir mais além e passar a interessar-se pelas “experiências materiais, sociais e espirituais das pessoas” (REIMER, 2017, p. 145).

Considerações finais

A ética cristã, desde seu nascedouro, foi fundamentada no amor e na misericórdia pelos excluídos; não são poucos os registros bíblicos que retratam essa verdade. Cristianismo e Responsabilidade Social são expressões que se complementam, apesar de muitas vezes seus significados se mostrarem distantes.

No decorrer da história não faltaram homens e mulheres para representar e lutar por um mundo mais justo e misericordioso. Legados como o do ativista político norte-americano Martin Luther King Jr. (1929-1968), que em seu discurso proclamou “Tenho a audácia de acreditar que pessoas de toda parte possam ter três refeições por dia para seus corpos, educação e cultura para suas mentes e dignidade, igualdade e liberdade para seus espíritos” (CARSON, 2014, p. 222) e da Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), a missionária da caridade que dedicou sua vida inteira ao serviço dos pobres entre os pobres, e pronunciou “A falta de amor é a maior de todas as pobreza”¹⁶, são inspirações para a propagação do verdadeiro Cristianismo.

O Cristianismo social, apesar de já existente, começou a ser organizado mais precisamente no século XIX, quando se deu uma maior abertura teológica. A partir da década de 70 um movimento social-religioso ligado à defesa do Cristianismo de libertação latino-americano passa a ganhar espaço e surge com a finalidade de lutar pela liberdade e direito dos pobres e excluídos.

Para o teólogo Sung, o que diferencia o Cristianismo de libertação das demais correntes, entre outras coisas, é a convicção de que os pobres não são e não podem ser tratados como objetos da evangelização ou da “promoção” econômica e social, mas como sujeitos conscientes na relação que busca a libertação. Igualmente, parte da compreensão de que, no capitalismo, além da carência material e da exploração

¹⁶Revista Pazes. In: <https://www.revistapazes.com/a-falta-de-amor-e-a-maior-de-todas-as-pobrezas/> . Acesso em setembro de 2020.

econômica, ao pobre é negada a dignidade humana. “Por isso, a participação ativa dos pobres e de vítimas de todos os tipos de opressão é fundamental na “recuperação” ou na afirmação dessa dignidade” (SUNG, 2008, p. 19).

Nesse contexto de busca e conscientização pela prática da verdadeira religião, a epístola escrita pelo apóstolo São Tiago representa uma voz altissonante na atualidade. Ao utilizar uma linguagem direta e eloquente, Tiago retrata a realidade da Igreja do primeiro século, que, envolta em um cenário de perseguição, dor, miséria e sofrimento, é conclamada a viver um cristianismo genuíno. Dentre as acusações aos “judeus dispersos” estava a falta de amor prático para com os necessitados, injustiças praticadas pelos ricos, exploração econômica e a falta de misericórdia para com os órfãos e as viúvas.

A relação fé e obras é um dos temas mais expressivo na epístola, tendo provocado grandes discussões, inclusive na acareação com os ensinamentos do apóstolo São Paulo, mas, como expressa de forma resumida o teólogo Storniolo, ambos afirmam a mesma coisa. Paulo afirma que a fé é o princípio de toda a vida cristã, a observância da lei não pode levar à salvação; Tiago reforça que a fé se materializa no amor através de atos concretos.

Em uma modernidade caracterizada por graves conflitos, problemas humanos e sociais, tais como a escassez de alimento, fome, desemprego, guerras e epidemias, a sociedade anseia por meios que possam amenizar o sofrimento. As virtudes cristãs se colocadas em prática podem contribuir para mitigação dessa dor.

Embora haja uma facilidade em desviarmos dos princípios basilares do cristianismo, as Igrejas e cada cristão em particular devem empreender-se na prática diária do amor, da justiça e da misericórdia, a fim de que a fé permaneça vitalmente operante, e se concretize na máxima: “a fé é viva com as obras”.

Referências

ARAÚJO, Luiz Cesar Nunes de. *Condenação aos ricos gananciosos*. In: Tiago – a Fé em ação. 3: p.151 -154. 2009.

ASHLEY, Patrícia Almeida. *Ética e responsabilidade social nos negócios*. São Paulo: Saraiva 2003.

BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da Modernidade: Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BEZERRA, Juliana. *Desigualdade Social, 2020*. In: <https://www.todamateria.com.br/desigualdade-social/> . Acesso em outubro de 2020.

BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA Sagrada. Trad. Pe. Mattos Soares. 41 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

BINGEMER, Maria Clara. *Teologia latino-americana: raízes e ramos*. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro, RJ: PUC, 2017.

CANTALAMESSA, Raniero. *A Pobreza*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

CARSON, Clayborne. *A autobiografia de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CESARÉIA, Eusébio. *História Eclesiástica - Os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

COELHO, Alexandre; DANIEL, Silas. *Fé e Obras – Ensinos de Tiago para uma vida Cristã Autêntica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

FERREIRA, Marcelo. *Por trás do véu: a história da primeira denominação pentecostal brasileira*. São Paulo: Braúna, 2009.

KISHIMOTO, Tizuco Mochida. *Educação infantil integrando pré-escolas e creches na busca da socialização da criança*. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. (orgs.). *Brasil 500 anos: tópicos em história da educação*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo testamento – Tiago e epístolas de João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

Latim e Direito constitucional. <https://www.latimedireito.adv.br/artigos/250-os-direitos-sociais-na-patristica>. Acesso em setembro de 2020.

LENZENWEGER, Josef; STOCKMEIER, Peter; BAVER, Johanes. B.; AMON, Karl; ZINNHOBLE, Rudolf. *História da Igreja Católica*. Trad. Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2006.

LEPARGNER, Humbert. *O descompasso da teoria com a prática: uma indagação nas raízes da moral*. Brasília: Vozes, 1979.

LIBERA, Alain de. *Filosofia Medieval*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

LIMA, Wendell Lima. *A discriminação do pobre em Tiago 2. 1-7 uma análise exegética e sociológica*. Dissertação de mestrado, PUC-GO, 2017. In: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3690/2/WENDELL%20DA%20CUNHA%20LIMA.pdf>. Acesso em setembro de 2020.

LOPES, Hernandes Dias. *Tiago: transformando provas em triunfo*. São Paulo: Hagnos, 2006.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. *A ideologia alemã crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feurbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007.

PIXLEY, Jorge. *O Deus libertador na Bíblia: Teologia da libertação e filosofia processual*. São Paulo: Paulus, 2011.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo - Preleções sobre o Símbolo Apostólico*. São Paulo: Herder, 1970.

REIMER, Johannes. *Abraçando o mundo - Teologia de implantação de igrejas relevantes para a sociedade*. Curitiba: Esperança, 2017.

Revista Pazes. In: <https://www.revistapazes.com/a-falta-de-amor-e-a-maior-de-todas-as-pobrezas/> . Acesso em setembro de 2020.

SANTOS, Neimar. *Teologia da Libertação e marxismo: uma breve análise bibliográfica*, 2017. In: <https://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2017/09/8.-TEOLOGIA-DA-LIBERTA%C3%87%C3%83O-E-MARXISMO-uma-breve-an%C3%A1lise-bibliogr%C3%A1fica.pdf> . Acesso em setembro de 2020.

SMITH, Huston, *A alma do cristianismo - resgatando a essência da grande tradição*. Trad. Euclides Luiz Calloni; Cleusa Margô Wosgrau. São Paulo: Cultrix, 2006.

STEGEMANN, Ekkehard W.; Stegemann, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

STORNILO, Ivo. *Como ler a carta de Tiago - A fé e a prática do evangelho*. São Paulo: Paulus, 1996.

SUNG, Jung Mo. *Cristianismo de Libertação: espiritualidade e luta social*. São Paulo: Paulus, 2008.

WILBERFORCE, William. *Cristianismo Verdadeiro: discernindo a fé verdadeira da falsa*; resumido e editado por James M. Houston. Brasília: Palavra, 2006.

Submetido em: 27 out. 2020.

Aprovado em: 6 jun. 2021.